

A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DA CATEGORIA PADEIRO-EDUCADOR: DIÁLOGOS COM BOURDIEU E OUTROS, SOBRE O INTERCAMBIAMENTO ENTRE CAMPOS

AMÓS BERNARDINO DE SOUZA

Campos são saberes, são doxas. são construídos e são construtores de indivíduos. Analogamente a um estádio de futebol que você adentra para ver um jogo e passa a fazer parte dele, apreendendo e aprendendo as imagens, os sons, as falas, as visões que nele existem, de forma consciente e inconsciente. Os Campos, saberes, as doxas, constroem mundos e pessoas, secularizando o homem do século XIX, determinam seu 'lugar social', hierarquizando-o. Tal qual o estádio, há possibilidade de jogar, de assistir, de narrar a partida, de trabalhar, enquanto o jogo de futebol está rolando, de pertencer ou não àquela torcida, e de escolher ou não participar da festa, ficando de fora e sendo censurado pelos que foram assistir ao jogo. O campo possui regras, é hierarquizado, ninguém entra nele sem ser portador do ingresso (Amós Bernardino)

O mundo social e sua organização constroem e reconstroem, no indivíduo, as representações do social, apoiando-se nos universos simbólicos e promovendo a internalização, a interiorização das realidades objetivas. A partir dessa compreensão, o indivíduo percebe as estruturas sociais à medida que são construídas e internalizadas, inserindo-se de forma objetiva dentro de uma lógica no mundo social e reconhecendo papéis, sendo portador de visões de mundo diferentes.

Nesse sentido, a noção de *habitus* em Bourdieu nos chama atenção, a Padaria Espiritual, que, para nós, não é só um movimento literário, empenhou-se por apresentar ao público cearense sua leitura da realidade social brasileira a partir do seu campo de 'experimentação', do lugar em que estavam inseridos e do lugar a partir do qual falavam os seus membros, seus integrantes, Padeiros. Assim, diz-nos Bourdieu:

Esquemas inconscientes (ou profundamente internalizados) o qual transforma herança coletiva em inconsciente individual e comum: relacionar as obras de uma época com as práticas escolares é um dos meios de

explicar, não só o que elas proclamam, mas também o que elas trazem, pelo fato de participarem da simbologia de uma época e de uma sociedade. (BOURDIEU, 1992, p. 346).

O habitus é uma identidade cultural, é um capital. Com essa colocação, percebemos que esse “capital”, essa categoria em Bourdieu, pode ser: habitus lingüístico, habitus literário, habitus científico, habitus individual... É o habitus do ser individual um processo de construção objetiva da subjetividade, sendo mediado também pela coexistência de diferentes instâncias produtoras de valores culturais e “referências identitárias”.² A cultura e a Identidade influenciam de forma marcante a formação dele, do habitus, como também influenciam as instâncias socializadoras: família, escola, igreja, jornais, revistas, mídia. Acrescenta, o habitus, também ao indivíduo a sua contribuição à objetivação da subjetividade. O habitus individual é fruto do espaço “plural”, das múltiplas relações sociais e das instâncias socializadoras, determinando o lugar social e as visões de mundo. Por isso, deixa transparecer a exteriorização da subjetividade objetivada, revelando o local de pertencimento e a classe do indivíduo... Assim, a noção de habitus é um sistema em constante reformulação e também um instrumento conceptual que nos auxilia a pensar as relações, mediação entre os condicionantes sociais exteriores. Esse conceito também nos ajuda a pensar o social, a realidade estruturada objetiva e a subjetividade dos sujeitos, internalizada e exteriorizada.

A noção de habitus propõe “identificar a possível contradição entre indivíduos e sociedade como uma das questões centrais da produção teórica de um autor”.³ O habitus, como instrumento conceptual, auxilia o pesquisador a perceber a identidade social, a classe social, o lugar social de que está falando e suas matrizes culturais. Além disso, denuncia as experiências biográficas do narrador, do autor, do escritor, do cientista, do romancista, do literato,

² SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, ANPED. n. 20, Jun./ago.2002. p.61.

³ Id. *Ibidem*, p. 63.

do homem de letras, do estudante, do trabalhador, a identidade do indivíduo, do Padeiro, do Padeiro-Educador, sem precisar historiar demasiadamente sobre alguém que fala. O habitus do ser individual, do sujeito, é também social. É através da formação, construção de seu habitus, que perceberemos e compreendemos pequenas indagações sobre alguém, tais como: Quem sou eu? Quem eu era? Quem eu serei? De onde eu estou falando? Quem me ajudou a dizer o que eu estou falando? Por onde eu andei em minha vida? Com quais pessoas tivemos contato? Que experiências sociais internalizei e aprendi? Este é um instrumento poderoso para quem deseja historiar a educação.

Este aparelho, ou melhor, este instrumento teórico que chamamos “o conceito de habitus”⁴, é uma forma de apropriação que utilizamos, em primeiro momento, para compreender o motivo pelo qual os integrantes da Padaria Espiritual lançavam tanta pilhéria sobre a educação, em seu veículo socializador de suas idéias, o jornal *O Pão*.

A crítica literária e os historiadores da literatura, em suas análises e estudos sobre essa agremiação Padaria Espiritual, contemplaram outros objetos de pesquisa, marcados e motivados por olhares “outros”. Nosso enfoque central é

⁴ O conceito de habitus e toda a concepção teórica que envolve a categoria são como se fosse uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas, um sistema de “orientação, ora consciente, ora inconsciente” Cf. SETTON, Maria da Graça Jacintho. *A teoria do habitus em Pierre Bourdieu*. Op.cit.,p.70. Esta noção, habitus, é uma matriz cultural também e está intimamente, intrinsecamente, relacionada a outra categoria na obra de Bourdieu chamado de campo, doxas (ortodoxias e heterodoxias, herdadas das noções de consumidores e produtores de cultura). Assim, o habitus, como também o campo, é hierarquizado. (Como capital pode também ser trocado, em um grande mercado “o mercado dos bens simbólicos”) A categoria também é histórica, segundo o próprio Bourdieu. Cf. BOURDIEU Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. Em um livro, *O poder simbólico*, segundo o autor, há uma historicidade na construção do conceito “traduz a noção grega ‘hexis’ utilizada por Aristóteles para designar então as características do corpo e da alma” (BOURDIEU, 1998, p.68). Afirma também que outros autores já utilizaram esse conceito. Durkheim, por exemplo, designava o estado geral dos indivíduos, os estados interiores e profundos que orienta suas ações e escolhas de forma durável. O Discípulo de Durkheim, Marcel Mauss, também fez o uso do conceito em seus estudos de Antropologia. Cf. BOURDIEU, Pierre. *O Poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

a educação e o envolvimento destes sujeitos sociohistóricos com o campo, com o saber, com a educação e com suas práticas docentes. Desconsideraram, os críticos, o envolvimento destes com a educação e com a motivação literária desses literatos, desses escritores, desses romancistas, desses naturalistas-realistas, desses cientistas, desses educadores, desses professores, desses homens que falavam das “coisas do espírito,” em um jornal por nome *O Pão*. Não porque o fizessem por somenos, mas sim porque o principal motivo do esquecimento era também gerado pelo “lugar social”, o campo de onde falavam e para o qual se dirigiam ao público leitor. Eis a questão do esquecimento, da lacuna, da ausência, da falta de gatilho de memória, de enunciar a participação destes indivíduos e agentes sociais com a educação por parte da crítica literária e dos historiados da literatura.

Nessas décadas (1870 a 1900), a educação era o apanágio dos males sociais. Para civilizar-se, para urbanizar, para sanear-se, para ser moderno era preciso, antes de tudo, educar-se. Era essa a tônica do final do século XIX. Voltemos à apropriação do conceito, segundo nos diz Passiani:

O conjunto de normas e regras, um determinado *nomos*, incorporado pelos indivíduos e que orienta a conduta dos agentes sociais independente do tempo, época, poderes externos, sejam eles políticos ou econômicos, Bourdieu os chama de *Habitus*. (PASSIANI, 2003, p.36).

O fato de certos indivíduos apreenderem e aprenderem as práticas culturais, as imagens, as idéias, as falas, os discursos e as visões de mundo, em um tempo, ou época qualquer, do “processo histórico”, funcionando como agentes histórico-sociais, teriam seu princípio básico em instâncias socializadoras com as quais tiveram contato. De forma sistemática e difusa, estas instâncias produziram neste ser individual a capacidade de transmitir, ao ser social, em curta medida, investidas conscientes e inconscientes, ou, de modo mais preciso, produziria nos indivíduos sistemas de esquemas inconscientes, profundamente internalizados.

Constituiriam, assim, sua cultura, sua identidade, sua matriz cultural, ou melhor, o seu “habitus”. Desta forma, estabelece-se no indivíduo a necessidade empírica de

apreender as relações de afinidade entre comportamentos dos agentes sociais, das estruturas objetivas e subjetivas, dos condicionamentos sociais. O habitus é uma adaptação, não é sinônimo de memória, nem de conhecimento sedimentado, mas nos parece

[...] um ajustamento sem cessar e ininterrupto ao mundo, ou do mundo para o mundo, capacitando os indivíduos, os sujeitos e também agentes sociais de darem coerência às suas ações. (PASSIANI, 2003, p.37),

aplicando-lhes a criatividade diante de problemas, dando-lhe plasticidade de perceber as realidades existentes, e sendo trabalhado pelas mesmas. Ajustar-se, ser construído e ter a possibilidade de construir.

Possibilita, como instrumento, desenhar, interpretar, construir, ser construído, entender e se fazer entendido. Como parte de uma teoria, permite dar uma outra possibilidade de leitura às velhas discussões filosóficas sobre quem determina a consciência dos homens. O instrumento conceptual, habitus, “amadureceu, entre as duas visões de mundo antagônicas e contraditórias”.⁵ Nas palavras de Pinto:

O habitus é um princípio mediador, um princípio de correspondência entre Práticas individuais e as condições sociais de existência... o que permite também diferenciar e ser um instrumento conceptual, que permite examinar a coerência das característica mais diversas de indivíduos dispostos às mesmas condições de existências. (PINTO, 2000, p. 42).

Por todas estas narrativas e leituras é que o conceito de habitus possibilita a opção de conciliar a “oposição aparente entre a realidade exterior e as realidades individuais”⁶, permite, ainda, conciliar trocas constantes entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades adquiridas pelos indivíduos nas experiências, “nas práticas culturais, nas condições sociais de existências que produzem a

⁵ ORTIZ, Renato. Pierre Bourdieu. *Sociologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. p.63. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

⁶ Id. *Ibidem*, p.47.

invenção do cotidiano”.⁷ Assim, o habitus é estrutura “estruturadas e estruturantes”,⁸ no social e nas mentes.

A objetividade subjetivada e a subjetividade objetivada exteriorizada. Dessa subjetividade, o ser individual – que é também social – fica evidenciado, denunciando a matriz cultural do indivíduo, o seu lugar social, sua posição, seus privilégios, sua classe social.

Aliás, o que nos chama atenção é exatamente isso: como um grupo tão heterogêneo, como eram os padeiros, em que não havia uma uniformidade de estilos, interessavam-se tanto por educação, numa época tão próxima da Proclamação da República? Do grupo, Padaria Espiritual, composto por 34 integrantes (1892-1898), tudo leva a crer que 13 foram professores e/ou tiveram envolvimento com a escola, secretários e dois diretores: José Carlos Junior (Bruno Jaci) e Waldemiro Cavalcante (Ivan D’azhoff), ocupavam o cargo mais alto em escolas renomadas no século XIX. Respectivamente eram diretores do **Liceu do Ceará e da Escola Normal**. Enquanto escreviam ou discutiam entre si as experiências e as práticas discursivas da cultura no tempo em que viviam, poderiam, tais intelectuais (quer padeiros, quer cientistas, quer literatos, quer romancistas, quer naturalistas, simbolistas, homens de letras) enunciá-las de um “lugar”⁹ que falasse somente do ser individual que cada um era? Ou será que o Padeiro, enquanto ser individual pensante, não

⁷ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p.127.

⁸ ORTIZ, Renato. Op.cit., p.46-47.

⁹ CERTEAU, Michel. A Operação historiográfica. In: _____. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p.66. É essa a noção de lugar social que nos referimos, pois quem fala, fala de um lugar, dentro de um campo de conhecimento marcado por práticas discursivas. O que, para nós, há uma ligação direta com a questão de quem produz saber e de quem é consumidor de saber. Para quem escreve e por quem é lido? Quem produz sentidos e ressemantiza. Os discursos não se desvinculam de uma prática. O lugar de pertencimento que determina, mesmo sem falar, a noção de classe, a posição que se ocupa no social. São tantas questões que isso remete, como por exemplo: a de que a experiência social não é homogeneizada e é percebida de formas e maneiras distintas, pois há formas distintas de Apropriação, que permitem ao individual, enquanto ser social, perceber o ‘mundo cultural’ e CERTEAU cria uma ‘teoria das práticas cotidianas’ para nos orientar o olhar para esse cotidiano que é plural, numa outra obra, *A Invenção do cotidiano*.

falava por ser um ser social? Os Padeiros, dentro de sua posição no campo, falando de seu lugar social, assumiram e internalizaram os “processos sociais”, as “experiências” e as “práticas do cotidiano”, em sua temporalidade.

A categoria Padeiro-Educador é uma criação conceitual nossa, a partir de uma existência histórica e factual de um grupo chamado Padaria Espiritual. Enquanto literatos e educadores, os Padeiros-Educadores estabeleciam trocas simbólicas, negociavam capitais lingüísticos, literários, científicos com o povo incauto, em sua maioria analfabetos, numa época em que os “índices de analfabetismo no Brasil e no Ceará eram altíssimos.”¹⁰ Relacionavam-se, também, com outros grupos letrados tanto do Ceará provincial quanto da dinâmica nacional. Estabeleciam correspondências literárias

Exerciam, os Padeiros-Educadores, as práticas docentes, compatíveis com o ofício de intelectuais e escritores, devido à impossibilidade de viver-se da pena, já que era pequeno o número de leitores, ficando, desta forma, limitada à tiragem. Também se tornavam reféns dos próprios meio de produção editorial e da confecção dos livros e de seus escritos. Utilizavam o jornal como um meio de pedagogização literária, discutindo, apresentando idéias científicas em seu tempo, realizando críticas literárias, propondo leituras, indicando livros a serem usados, orientando o olhar do leitor. Questionavam, através de metáforas, a instrução pública no Ceará, ao final do século XIX.

Personificavam, os Padeiros, a idéia de Intelectuais totais¹¹ ou Escritores-Cidadãos¹² (pensadores, escritores,

¹⁰ SEVCENKO, Nicolau. Op. cit., p.110. Relata o autor que o número de analfabetos no Brasil, em 1890, segundo a estatística oficial, era, em uma população de 14.333.915 habitantes, de 12.213.35., Isto é, sabiam ler apenas 14 ou 15 em 100 habitantes do Brasil. “Difícil será, entre os países presumidos de civilizados, encontrar tão alta proporção de iletrados. Assentado esse fato, verifica-se logo que à literatura aqui falta a condição de cultura geral, ainda rudimentar, e igualmente o leitor e o consumidor dos seus produtos” Id. Ibidem.

¹¹ BOURDIEU, Pierre. *As Regras da arte: a gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.238. O Autor, nesse texto, faz um recorte nessa categoria ao falar de Lacan, e que ficou mais claro o seu posicionamento, acredito, ao confrontá-lo na leitura de Sevcenko.

¹² SEVCENKO. Nicolau. Op.cit., p 96.

quer naturalista, quer realistas ou naturalista-realista, simbolistas, metafísicos, artistas, farmacêuticos, homens doutos e versados em vários estilos de literatura e no domínio de línguas eruditas, romancistas, nefelibatas, decadentistas, remanescentes do último romantismo, poetas, homens de letras, mosqueteiro da literatura cearense, paladinos das terras alencarinhas).

Passeavam, os Padeiros, por uma infinidade de doxas, de campos e que, em tese, mobilizavam uma variação de capitais simbólicos em suas expressões, apropriando-se de conceitos, modificando-os e criando outros, em uma época em que construía o imaginário político republicano. Nessa época, o Positivismo, o Evolucionismo, em suas variações sociais ou não (DARWIN e SPENCER), e o Criticismo-Kantiano, apesar de ser um "truísmo", construía valores.

Articulavam a criação de um imaginário coletivo que dava funcionalidade às instituições, ao político, aos sentimentos, ligando uma geração à outra, construindo de forma basilar, à época, a identidade do Brasil republicano. É claro que isso é um "truísmo", porém, era o contexto sociohistórico e político do final do século XIX. Versando sobre o "imaginário"¹³, Cornelius nos permitiu entender a formação dos sentimentos no tempo e sua articulação com o social.

É através dessa construção do imaginário que se pode atingir não só a mente, mas, de modo especial, o coração, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele, no imaginário, que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, os valores, organizam o passado, construindo o presente. No final do século XIX, o entusiasmo pela educação e o otimismo pedagógico estavam presentes na construção do imaginário republicano NAGLE (2001).

¹³ Segundo Castoriadis .Op.cit.,p.175. "Este elemento, é o que dá à funcionalidade de cada sistema institucional, na orientação específica, que sobredetermina a escolha de conexões das redes simbólicas, a criação de cada época histórica, sua singularidade, maneira de viver, de ver e fazer sua própria existência, seu mundo e suas relações ele, esse estruturante imaginário [...] este elemento nada mais é do que o imaginário da sociedade ou da época, considerada." (Id., Ibidem).

Nos últimos decênios do século XIX, há uma busca frenética para encontrar respostas ao nosso projeto de identidade nacional. Uma busca do que queremos ser e do que desejamos possuir, como também do que nos falta e do que nos complementa. É nesse momento que a educação aparece como um elemento catalisador e restaurador da sociedade, possibilitando uma “redenção” do social. No Brasil, como um todo, havia, de certa forma, esse sentimento de socializar o ensino, ocasionado por “uma crescente aristocratização da educação iniciado desde a colonização do Brasil e acentuado mais ainda com as reformas pombalinas” (TOBIAS, 1978, p.107).

No Ceará no final do século XIX, existia o embate filosófico literário entre setores tradicionais e progressistas (os intelectuais que defendiam as idéias Comtianas, darwinistas, spencerianas, evolucionistas, rousseunistas, pestalozzianas, criticismo-kantiano, influenciados pela tônica de tornar o mundo científico e mais secularizado, construíaam os imaginários dos homens). Os Padeiros-Educadores percebiam que ensinar uma geração, socializando uma criança e inserindo-a no universo de significados, nas redes simbólicas, era extremamente importante para a construção da “Nova República,” ou melhor [...] “República Velha”, na versão dos historiadores de hoje. Em sua temporalidade, ela, a República, acabara de nascer.

Os Padeiros-Educadores utilizavam todos os meios possíveis a sua época, como jornais, revistas e livros, construindo história e sendo agentes históricos na “Fortaleza Belle-Époque”, para tentar orientar o olhar em seu tempo. Por isso, desde já, temos o interesse de estabelecer a ponte entre esses Campos – Literário e Educacional – afirmando que os movimentos intelectuais, a efervescência literária, as influências das idéias científicas, o aformoseamento da cidade, os embates políticos, as críticas literárias, o romantismo e sua metamorfose estética, o naturalismo-realismo, estabelecem pontes entre si, zonas de intercambiamento, de trocas simbólicas, não só com a literatura, mas também com a educação. Segundo Bourdieu:

Para a compreensão do gênese social de um campo é preciso levar em consideração duas dimensões. Deve-se apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele geram. E também compreender a história do movimento do campo... isto é, o processo de depuração em que o campo se orienta para aquilo que o distingue e o define de modo exclusivo. (BOURDIEU, 1998, p. 68)

Para Bourdieu (1992), os campos estabelecem pontes entre si. São intercambiáveis como em um grande mercado, só que de produtos culturais. Os bens de consumo são bens simbólicos. Os campos são inteiramente construtores de pontes de ligações, trocando capitais lingüísticos, sociais, históricos, científicos, políticos, jornalísticos, intelectuais, burocráticos [...] e “há entre eles uma disponibilidade de capitais lingüísticos.”¹⁴ Em um outro livro chamado *O poder simbólico* o autor, Bourdieu, vai-nos relatar que o Campo “é o espaço de relações objetivas.”¹⁵ Em todo Campo ocorrem lutas, disputas, nele está em jogo o poder sobre o uso particular de uma teoria, conceito, sinais, visões e sentidos do mundo natural e social. “São lutas pelos princípios de divisão do capital social adquirido,”¹⁶ as ações, o poder simbólico.

Os Campos são relativamente autônomos e hierárquicos, seus “agentes envolvidos, estabelecem interações”¹⁷ sejam eles autores, leitores, escritores, romancistas, naturalistas, cientistas, padeiros, homens de letras... Há, no Campo, sempre um investimento de ganho nas trocas simbólicas ocorridas, porém as trocas e as pontes simbólicas ocorrem de forma desigual e são ordenadamente distribuídas.

No Campo, o conhecimento e o saber são produzidos, ou melhor, construídos. É também no campo que ocor-

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1996 p.57. os Campos, para Bourdieu, são hierarquizados e entre eles há interseções.

¹⁵ BOURDIEU, Pierre. A Gênese dos conceitos de campo e habitus. In: *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 64.

¹⁶ Id., Ibidem, p. 72.

¹⁷ Ibidem.

rem as manifestações das relações de poder e do seu jogo. É através do campo que percebemos o que é admitido, o que é censurado, o que deve ser esquecido, o que deve ser lembrado, o que é de interesse comum. Quem produz conhecimento, quem é consumidor, escritor, literato consagrado, boêmio, naturalista, homem de letras, Padeiro...

No campo afirma-se o desprezo, os gostos, os locais legítimos de saber. O que faz com que um jornal seja “digno de leitura por seu comprometimento com a verdade” e outro considerado indigno de ser lido. Mesmo que esse seja o jogo, ocorria também, da mesma maneira no século XIX, com *O Pão da Padaria Espiritual*. Só mudavam o cenário, as idéias e os agentes histórico-sociais.

Nesse lugar chamado de Campo “sedimenta o consenso, pois o mundo social é o espaço do conflito, disputa de concorrência entre grupos com interesses distintos”¹⁸. É no Campo, também, que se diz se o jornal *O Pão* falava de educação ou eram só pilhérias, ironias. Todo Campo, enquanto “produto histórico gera interesse que é a condição primordial de sua existência e funcionamento.”¹⁹ O campo é o “Lócus”, o espaço do consenso. É nele que ocorrem os “processos de legitimação dos bens simbólicos e também é nele que se estabelece um sistema de filtragem que determine aqueles que devem ou não ascender na hierarquia cultural.”²⁰

Os Padeiros–Educadores eram os sócios da Agremiação Literária Padaria Espiritual que possuíam

¹⁸ BOURDIEU, Pierre. O mercado dos bens simbólicos. In: _____. *A economia das trocas simbólicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 168-169. O Campo seria um espaço de relações entre os grupos com distintos posicionamentos sociais. O social permite uma variabilidade enorme destes campos à medida que também lhes aplica uma censura e manifesta o jogo de poder. Há, no campo, um ajustamento dos indivíduos e uma relação direta entre o habitus, o lugar social que o indivíduo ocupa, e o campo. Desse ajustamento é que se forma o habitus e que nos permite fazer perguntas básicas como: quem constrói o indivíduo? Quem forma a sua cultura? Quem é escritor? Quem é leitor? Quem pode falar no interior do Campo? No campo, as doxas, saberes, conhecimentos são propriamente ditos como ortodoxia, heterodoxia. Os Campos dominante e dominado.

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. *Coisa ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 126-127.

²⁰ ORTIZ, Renato. Op. cit., p. 23.

envolvimentos com a educação movimentando uma série de capitais simbólicos, em Fortaleza no final do século XIX.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU Pierre. *Economia das trocas simbólicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. *As regras da arte: a gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Economia das trocas lingüísticas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- _____. A Gênese dos conceitos de campo e habitus. In: _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CASTORIADES, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982
- NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na primeira república*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ORTIZ, Renato. Pierre Bourdieu. *Sociologia*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).
- CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. In: _____. *A escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982
- _____. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- PASSIANI, ENIO. *Na trilha do jeca: Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru-SP: Edusc, 2003.
- PINTO, Luis. Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. A Teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *Revista Brasileira de Educação*, ANPED, Jun./ago.2002.
- TOBIAS, José ANTÔNIO. *História da educação brasileira*. 2. ed. São Paulo: Juriscr, 1978.